

TENSÃO No rio, uma estória, de, por e com

INSTITUTO NACIONAL DE CINEMAS  
Gustavo Dahl

Todo filme é uma viagem, ponte-aérea para o sucesso ou  
odisseia para a glória. E as vezes o limbo que corre entre ~~as duas~~  
as duas. Viagem externa e viagem interna. Mergulho no imaginário,  
mergulho no real. É este cair na real que tenta os autores como  
o perigo tenta as crianças, seriamente. Reduzir-se a fórmulas é  
muito diferente de redução de fórmulas: trabalho é igual a massa  
sobre tempo. Velocidade é a da luz e o resto é conversa. E o cine-  
ma é luz, em movimento. E ~~o~~ registro. Que seria da eternidade, se  
não houvesse a morte?

-0-0-0-0-0-

Tensão no Rio encerra trilogia da morte que passa por  
Bravo Guerreiro e Uirá, indo do suicídio ao assassinato. Em mim, a  
consciência da política, ~~da tragédia da política se deu~~ (doeu)  
em 24 de agosto de 1954. Getulio se matou com um tiro no ~~pi~~ peito,  
chamuscando o pijama de seda pura ~~em~~ listas grená e ~~briga~~ cremel  
A surpresa adolescente de descobrir que política mata.

-0-0-0-0-0-

Aos dezesseis anos eu estava dividido entre a política e o cinema. Era secretário do grêmio e descobria meus primeiros westerns. A descoberta abrupta, feita numa enfumaçada reunião de política estudantil secundarista em São Paulo, da superioridade da eloquência sobre a ética, me jogou nos braços do cinema. Quem se lembra de Edgar G. Ulmer, Ray Nazarro, Joseph Lewis, Reginald Le Borg, Robert Gordon, Hugo Haas, Charles Vidor, Douglas Sirk?

-0-0-0-0-

Filho de pai argentino e mãe gaúcha, nascido em Buenos Aires, o espanhol foi minha primeira língua. Latino-america em mim não

é metáfora, é memória. Aos cinco anos de idade, vindo de Montevideo, passando por São Paulo e chegando no Rio, descobri que o Brasil era um só através da palavra "lixo".

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX Era a mesma nas duas cidades. Até hoje, quando a extrema direita quer me derrubar <sup>politicamente</sup> me chama de argentino. E eu, com meus botões, me sinto integralmente latino, na minha opção de brasilidade. O amor a um país se mede pelo que lhe damos, pelo compromisso com sua evolução. Meu processo histórico está aqui. Como dizia Glauber, America Nuestra.

-0-0-0-0-0-

Desde cedo me interessei pelo Olimpo político latino-americano.

Peron, Haya de la Torre, Jimenez, Jacobo Argenz, Somoza, Stroessner,

Juan Lechin

Paz Estensoro, no coração dos anos cinquenta estes personagens sem-

pre fascinaram pela rapidez com que passavam de deuses a bandidos,

e vice-versa. Mal sabia que o meu mundo era o terceiro, aquele aon-

de a vida vale pouco.

-o-o-o-o-o-

Gilda morava no Leme, tinha quatorze anos e eu tam-  
bem. Fomos ver junto A Noite Sonhamos, George Sand e Chopin, e eu me

apaixonei. Sua mãe tinha cara de inca, e antes  
de tê-la fora casada com uma alta patente de seu país, a Bolívia. Gil-  
da perdi de vista, mas a Bolívia não. Imaginava uma espécie de Tibet

nos Andes. Aonde se enforcavam os governantes em desgraça. Um dia ou-  
vi a história de Estensoro. Chegou ao poder, nacionalizou as minas de  
estanho. Expusou os Patiño, os Aramayo, foram todos para Paris. Mas  
continuaram a deter o controle do preço do estanho, principal riqueza  
boliviana na época, através da exclusividade do seu refinamento. Es-  
tensoro subiu ao poder pela esquerda nacionalista. No arrocho econo-  
mico imposto pelas oligarquias e pelos Estados Unidos, assolado por

compromissos sociais que não conseguia manter, foi se isolando, ficando sem pai nem mãe. No final, de fiel a ele tinha só sua guarda

ENCONTRO NACIONAL DE CINEMAS

de corpo. Caiu estrepitosamente. Achei a história shakespeariana.

Pensando bem, dava um filme. O povo na praça urrando de ódio, contra

quem, pouco antes ~~XXXXXXXXXXXXXXXX~~ endeusara. "But Brutus is an honou

rable man...".

-0-0-0-0-0-0-

cinemateca  
brasileira